



A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO NOS PENSAMENTOS DE PESTALOZZI E DE ROUSSEAU

LUCIANA MATOS DOS SANTOS FIGUEIREDO BARRETO
MARIANA DÓREA FIGUEIREDO PINTO
GILVÂNIA ANDRADE DO NASCIMENTO

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre os conceitos do cuidar e do educar materno presentes nas obras "Cartas sobre Educação Infantil", de Johann Heinrich Pestalozzi e "Emílio", de Rousseau. Através de uma análise sob a perspectiva do gênero feminino, o trabalho tem como fio condutor a Educação em sua forma mais *in natura* - o pensamento humano, suas premissas legais e sua utilização para a organização da sociedade. Pestalozzi afirma que cabe aos cuidados maternos o auxílio no desenvolvimento das capacidades da criança e Rousseau defendia que as mulheres deveriam ter acesso à educação apenas para serem boas companheiras para os homens. O estudo, através de uma pesquisa bibliográfica, observou que pensadores consolidaram a dicotomia espaço público e privado, em que o público está para os homens assim como o privado está para as mulheres. Essa teoria legitimou a permanência da exclusão feminina do espaço político.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Maternidade.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the concepts of caring and educating mothers in the works "Letters on Early Childhood Education" by Johann Heinrich Pestalozzi and "Emile" of Rousseau. Through an

analysis from the female perspective, work has as a guide to education in its most natural way in - human thinking, their legal premises and their use for the organization of society. Pestalozzi said that it is for maternal care assistance in developing the child's ability and Rousseau advocated that women should have access to education only to be good companions for men. The study, by a bibliographic research, noted that thinkers consolidated the dichotomy public and private space in which the audience is for men as well as the private is for women. This theory legitimized the permanence of women's exclusion from the political space.

Keywords: Gender. Education. Motherhood.

1 Introdução

Os estudos dos discursos pedagógicos de intelectuais dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, a respeito do conhecimento e da cognição humana, faz com que possamos compreender a configuração da Pedagogia e da escola contemporânea. A pesquisa em estudos das Teorias Educacionais, a partir da abordagem biográfica, traz contribuições importantes para o entendimento de fatos e momentos sociais de épocas passadas. Tais considerações evidenciam a relevância dessa sistemática para as pesquisas educacionais, pois permite analisar a adoção dos métodos e instrumentos científicos para a produção e distribuição dos saberes na escola.

As Teorias Educacionais, como campo de pesquisa, veem ampliando a noção e a utilização de fontes e documentos sobre um objeto de estudo. Dessa forma, aumentaram as possibilidades de estudo a partir da definição de novos

temas/problemas e da utilização de documentos e fontes não tradicionais.

O interesse no estudo em epígrafe ocorreu devido à importância de analisar questões de gênero no processo de cuidar e educar atribuído ao ser materno, como forma de preparar os indivíduos, desde os primeiros dias de vida até seu ingresso na instituição escolar. A sociedade moderna vive um período de mudanças, principalmente nas questões educacionais, exigindo um indivíduo com múltiplas capacidades. Atualmente, é essencial uma formação de melhor qualidade e um apoio afetivo nas práticas pedagógicas, a fim de que o aprendizado ocorra de forma contínua, desde a infância com os pais, e continuado no âmbito escolar.

Nota-se uma preocupação com o "cuidar das crianças", mais precisamente com a relação cuidar e educar, uma vez que a família começou a se preocupar em diminuir o número de crianças para lhe oferecer melhor assistência, maior atenção, enfim, uma melhor educação. A família começa a idealizar a criança como criança e, como disse Rousseau (1979, p. 91) em sua obra *Emílio*, "A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens". E sendo a família o local de "dominação" das crianças, aquela é a formadora da nossa primeira identidade social.

Na obra "Cartas sobre Educação Infantil", Pestalozzi apresenta uma concepção de educação em que o cuidar e o educar devem estar associados à formação integral da criança, proporcionando o seu desenvolvimento intelectual e moral. Ele recomendava o estudo como o melhor caminho para o desenvolvimento infantil.

O presente estudo busca inicialmente apresentar as obras e os projetos educativos de Pestalozzi e de Rousseau. Depois, focaliza o problema pesquisado: O papel da mulher no conceito do cuidar e do educar nas obras estudadas.

Esta abordagem biográfica permite ao pesquisador ter uma percepção profunda dos processos formativos aproximados de uma geração ou categoria profissional. Permite a ampliação da noção e da utilização de fontes e documentos sobre o objeto de estudo, contribuindo assim, com as pesquisas na área da Educação.

Segundo Souza (2006, p. 136), a crescente utilização da abordagem biográfica em educação "[...] busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como permite entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos".

Torna-se importante avançar na identificação dos condicionantes e abordar a questão de forma mais abrangente, isto é, o contexto cultural e seus traços ideológicos.

Argumentos se articulam em torno de uma ideia central: de que a evolução de nossa História e de nosso sistema de educação também parte da dispersão e do fragmentário e vão evoluindo rumo à unidade e à racionalidade. A verdadeira essência do ensino deve ser a sua vinculação a fins práticos e utilitários. Esta ideia se desdobra na defesa de uma política educacional montada a partir de um plano orgânico e articulado, elaborado com base em parâmetros científicos. Daí a intenção em conhecer e tornar mais conhecida a realidade nacional para, em seguida, interpretá-la e, só então, no momento oportuno, traçar um plano de intervenção.

2 A relação da mãe e a criança em Rousseau

Dentre as obras de Rousseau, comentaremos o livro "Emílio" de 1979. Este livro não é um tratado e nem um manual de pedagogia, mas uma coletânea que tem o objetivo de refletir sobre a educação. Rousseau não tem a intenção de condenar a forma de educação que estava sendo desenvolvida durante o período em que viveu, mas traça importantes considerações sobre o que entendia ser relevante para essa atividade humana.

Segundo o autor, muitos já tinham protestado contra essa educação. Assim, Rousseau pretendeu propor uma educação fundamentada no respeito à natureza e a liberdade da criança. Para ele, a educação é um meio de formar homens livres capazes de se defender de todos os constrangimentos da vida cotidiana.

Essa liberdade consiste no respeito a cada uma das peculiaridades de cada fase que o ser humano passa. Por isso que ele divide a sua obra em cinco livros, abordando em cada um deles a educação do homem nas suas diferentes idades.

Para Rousseau, a educação é importante porque "Nascemos fracos, precisamos de força, nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência, nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo que não temos quando nascemos é dado pela educação" (ROUSSEAU, 1979, p.8). Afirma que a educação pode ser de três tipos a seguir delineados:

O desenvolvimento interno das nossas faculdades e de nossos órgãos é a **da natureza**, o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação **dos homens** e a aquisição da nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação **das coisas** (grifamos, ROUSSEAU, 1979, p. 8-9).

Como cita o autor, a educação que realmente temos "controle" é a dos homens.

Deve-se saber que a primeira vocação do ser humano é a sua condição de ser humano, e quem for bem educado para essa vocação conseguirá exercer bem outras funções que lhes são apresentadas. Para Rousseau, pouco importa a função que seu aluno irá exercer, o ideal é que antes dele exercê-la, compreenda a vocação que a natureza o destinou.

No primeiro livro, Rousseau aborda os cuidados iniciais com os bebês, desde a amamentação às atividades maternas, paternas e dos preceptores, além de ensinar a essas pessoas como lidar com a criança, visto que a esta jamais deverá dominar seus pais. Instrui, principalmente, os pais como cuidar fisicamente de seus filhos.

A primeira pessoa que desenvolve a educação da criança é a ama-de-leite. Rousseau afirma que a ama-de-leite ideal é a mãe, porém, quando as mães não tiverem condições de amamentar os seus filhos, é melhor que contrate outra pessoa para exercer tal função.

A partir desta análise da relação entre a mãe e o bebê, considerando o ato da amamentação, ele afirma a importância: [...] que as mães concordem em amamentar seus filhos e os costumes reformar-se-ão sozinhos, os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações; o Estado se repovoará. E este ponto, tão-somente este ponto, vai tudo unir. A atração da vida doméstica é o melhor contraveneno para os maus costumes (ROUSSEAU, 1979, p. 21).

Apresenta ainda a importância da existência de um preceptor que acompanhe o menino desde o nascimento até o casamento. Emílio, órfão e nobre, deve ser levado para o campo e crescer sobre orientação vigilante e atenta do preceptor. Este irá ensinar-lhe como seguir a via traçada pela natureza, crescendo de forma lenta. Segundo CAMBI (1999, p.348) “[...] assim ocorre tanto para as várias disciplinas científicas como para a história, a religião e a moral”. O preceptor deve retardar ao máximo estes aprendizados. Deve também orientar e corrigir o menino evitando os maus hábitos e desvios de comportamentos considerados naturais. O objetivo final é formar, como afirma CAMBI (1999, p. 348), “Simplesmente um Homem”. Bem educado e que possa cumprir os outros estados referentes a ele.

Para Rousseau, o verdadeiro preceptor é o pai. Mas, caso ele não possa exercer a função adequadamente, deve contratar outro preceptor que seja seu amigo. O autor (1979) afirma que o preceptor “deve ser jovem, e até mesmo tão jovem quanto pode ser um homem sábio” (p. 29).

Na educação da criança, o correto é que a deixe livre, sendo maléfico o excesso de cuidados. O importante é deixar que a criança adquira hábitos para enfrentar os problemas que um dia ela deverá resolvê-los. Deve-se ensinar as crianças os deveres dos homens e fazer com que elas busquem os preceitos que elas devem aprender. O local adequado para o desenvolvimento dessa educação é no campo, porque “os homens não foram feitos para serem amontoados em formigueiros, mas para se espalharem pela terra que devem cultivar. Quanto mais se reúnem, mais se corrompem.” (p. 38). A vida na civilização faz com que o homem perca as suas características naturais.

Na sua obra Emílio (1979), Rousseau demonstra uma concepção de infância diferenciada dos teóricos que retrataram a educação durante aquele período. Para ele, a criança não é um adulto em miniatura, mas um ser que possui peculiaridades próprias de sua infância.

Quanto às mulheres, Rousseau mostra a importância delas cuidarem de seus filhos, pois “[...] um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria o mais desfigurado de todos.” Ele valorizou a importância das mães como educadoras de seus filhos.

Qualquer mãe poderá se dá conta, pela experiência, tanto do bom desenvolvimento do seu filho – si pratica a norma aqui proposta –, como das delicadas consequências que derivam do procedimento, contrário. (ROUSSEAU, 1979, p. 48).

Assim como Locke (1983), Rousseau pensou a Educação como um forte e essencial instrumento linear de atendimento ao desenvolvimento da criança. Nada devia ser ensinado para a criança sem que ela estivesse apta para entender. Com seus ensinamentos, Rousseau logo se tornou um ícone na teoria da educação, particularmente no campo dos cuidados com as crianças e educação inicial. Foi bem sucedido ao trazer os métodos empíricos de Montaigne e Locke para o primeiro plano da educação.

A obra em questão provoca uma reflexão em relação ao cuidado com a criança; a relação do bebê e a mãe; a amamentação; a educação para a vida; a boa educação e o educar para ser forte. O autor apresenta uma educação que passa por todas as fases desde o nascimento do bebê até o desenvolvimento como homem. Um tratado de conduta do homem com a sociedade, na qual este somente será livre se contribuir para a sua construção.

Atualmente, na família contemporânea, inclusive com o amparo de leis trabalhistas, fica muito difícil pensar em uma Educação nos moldes propostos por Rousseau. Tanto o pai como a mãe precisa trabalhar para o sustento da família. Mães e pais cumprem, hoje, duplas ou mesmo triplas jornadas de trabalho. Quando as mães entraram no mercado de trabalho, os pais precisaram assumir efetivamente o cotidiano da vida domiciliar e, conseqüentemente, o cuidar dos filhos. Muitas das funções maternas e paternas se misturaram e cuidado com os filhos devem ser realmente compartilhado.

3 A relação da mãe e a criança em Pestalozzi

Influenciado pelas ideias de Rousseau, Pestalozzi, através da obra “Cartas sobre Educação Infantil”, aponta para a viabilização de um processo educativo alternativo, a fim de formar o homem para a vida, capacitando-o a refletir sobre suas experiências cotidianas para, através delas, construir seu conhecimento. Elabora um método que proporciona o ensino, a instrução e o conhecimento, pois, desde o nascimento valoriza o papel da mãe em relação à educação de seu filho, traçando o paralelo entre ambiente escolar e familiar, atribuindo ao último maior influência na educação infantil.

Tido como o “pai dos homens pobres” e um inovador da educação, Pestalozzi considerou essencial uma educação

integral que forme o coração, a cabeça e a mão: sentir, pensar e fazer. Ele acreditava na educação escolar como uma preparação para a educação dada pela vida, entendendo que a educação moral é uma obra de amor e de fé que inspira na criança amor e respeito.

Também discute a importância do amor materno para a questão central, como aliada ao processo educacional e que o conhecimento seria, em grande parte, conduzido pelo próprio aluno, com base na experimentação prática e na vivência intelectual, sensorial e emocional do conhecimento. É a ideia do “aprender-fazendo”, dessa forma, a educação, para Pestalozzi, é algo evolutivo da natureza humana.

A educação natural e verdadeira leva os indivíduos à perfeição, à plenitude das capacidades, referidas pelo autor como uma tríplice atividade de “espírito, coração e mão”, isto é, a vida intelectual, a vida moral e a vida prática ou técnica, as quais deverão ser cultivadas integral e harmonicamente, e não de modo unilateral e parcial. Por isso firmava: “A educação não consiste no aperfeiçoamento dos conhecimentos escolares, mas na eficiência para a vida” (Pestalozzi, 2006, pag. XXI).

Considerado pela Unesco (International Bureau of Education, 2000) como o “pai da ciência educacional moderna”, Pestalozzi inspirou Froebel e Herbart, cujas ideias provocaram modificações radicais nas concepções modernas do professor, ensino e método. Seu nome foi associado a todos os movimentos de reforma educacional do século XIX, e seus pensamentos e sonhos nos deram um exemplo concreto que não devemos desistir da verdadeira educação. Também entendia que a educação não consistia em um modo de atuar uniforme e mecânico, mas uma obra de aperfeiçoamento gradual e progressivo.

Ao trazer a mulher para o centro da narrativa, como aliada ao processo educacional, ele também ventila a importância da diversidade e da equidade. O amor maternal se constitui na força principal da educação. A missão da mãe, portanto, é velar sobre a inocência da criança a fim de que, apesar deste mundo de corrupção, alcance a maturidade da segurança. Nesse toar, esclarece:

A mãe se acha capacitada, e está por seu criador mesmo - para converter-se na força propulsora mais importante no desenvolvimento de seu filho. [...] a mãe tem aptidões, pois a providência a agraciou destas disposições necessárias para sua missão. (PESTALOZZI, 2006, p.6, Tradução nossa)

[...] quanto mais querido é teu filho, mãe amorosa, com tanta maior pressa queira insistir em que examines esta vida em que ele será introduzido algum dia. Encontra-se cheia de perigos? Pois deves rodear teu filho de um muro protetor que preserve sua inocência. A vida te parece como um labirinto de erros e equívocos? Neste caso deve mostrar-lhe aquele que o levará ao manancial da verdade. [...] deve alimentar em teu filho aquele espírito de atividade que mantém viva suas forças e que pode lhe conceder estímulo a superar-se (PESTALOZZI, 2006, p.15, Tradução nossa).

A escola idealizada por Pestalozzi deveria ser não só uma extensão do lar como também deveria se inspirar no ambiente familiar, a fim de oferecer uma atmosfera de segurança e afeto. O cuidar e o educar estariam relacionados.

De todas as instituições escolares, as que trazem mais benefícios são aquelas onde se cultiva a arte de educar: Os alunos devem aprender nestas escolas a atuar como professores, e educa-los de modo que se convertam em educadores. Sendo que o caráter feminino, sobretudo, é que deve ser educado nesta direção a fim de capacitá-la para poder desempenhar um papel singular na educação de seus filhos desde os primeiros dias de vida (PESTALOZZI, 2006, p.110, Tradução nossa).

O mestre chega ao ponto de afirmar que a religiosidade humana surge da relação afetiva da criança com a mãe, por meio da sensação de providência. O papel da mãe é um alicerce de qualquer processo educacional. A família é essencial na educação das crianças, sendo organizada no modelo cristão e tendo a figura materna como guia.

4 O feminino no processo de educar e cuidar

Através da exposição das ideias de Pestalozzi e de Rousseau, podemos observar que o amor materno possui capacidade única para educar. Para auxiliar a criança no desenvolvimento de suas capacidades, a mãe não necessita de uma formação refinada. Nos primeiros anos de vida do filho, todos os conhecimentos adquiridos pela mãe mediante a mais completa formação que possa ter tido, mostram-se incapazes de facilitar a sua missão, pois é necessário que ela possua principalmente o amor intuitivo, de sorte a identificar a melhor forma de passar seus conhecimentos ao rebento. Para tanto, toda mãe deve ter consciência das suas ações, levando em conta a necessidade de ter uma clara ideia sobre qual é o objetivo que deve guiar a educação de seu filho, decidindo sobre os meios que precisa desempenhar no primeiro estágio da educação.

No entanto, carece que a mãe tenha, em seu coração, valores superiores, amor espiritual e de fé, para que possa obter êxito na melhor preparação de sua prole.

Para tanto, a mãe precisa ser educada em sua juventude, fazendo uso de experiências pessoais e cultivando a abnegação pessoal. Há de alimentar em seu próprio coração a predisposição a uma bondade prática. Suas palavras,

seu olhar de amor fraternal e seu exemplo se concretizarão de forma convincente, e seu filho futuramente bendirá sua memória e a honrará com sua virtude.

Considerando a proposta de análise do conceito do cuidar e do educar materno, comprova-se que tanto Rousseau como Pestalozzi procuraram trazer contribuições a respeito de como isto deve ocorrer. Para eles, a mulher era a “rainha” do mundo doméstico/privado, uma figura insubstituível na educação das crianças pequenas. Podemos afirmar que havia um processo de naturalização da imagem da mulher/mãe e a sua associação à educação.

Pestalozzi (2006, p.7) afirmava que “a mãe já possui todos os quesitos necessários para educar, só necessita que os mesmos sejam incentivados para que possam fluir juntamente com todo o seu amor intenso”.

Tanto no presente quanto em épocas passadas, todos os esforços se dirigem, de forma geral, para aperfeiçoar a escola e sua forma de ensino. Mas devemos considerar que estes esforços não se estendem à fase anterior a escolarização. Para que hajam as melhorias no nosso sistema educativo, há que se estender ao ambiente escolar, os proveitos alcançados pelo aluno no ambiente familiar.

Esta formação integral da criança no lar, aos cuidados maternos, pode ser adequada ao contexto atual desde que contemple os indivíduos indistintamente, sem considerar o gênero, cultura e classe social, porque todos precisam ser educados e preparados para atuar de forma significativa na sociedade.

5 A Educação nesse contexto

A educação está presente na vida humana, desde os seus primórdios, atuando de forma a fazer com que o indivíduo interfira na Natureza para assim satisfazer as suas necessidades, e propiciando a transmissão do conhecimento adquirido para as futuras gerações.

Na sociedade primitiva, este processo se dava através do acompanhamento dos adultos. A educação das crianças não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. Tinha como objetivo implícito a manutenção e sobrevivência do grupo, sendo realizada de forma igualitária por todos os membros.

Cedo começavam a acompanhar os adultos nas práticas desenvolvidas pela comunidade, estando neste processo, a marca da construção do conhecimento e do desenvolvimento do trabalho. Até aí, o processo educacional, pode-se dizer, era feito pelo ajustamento – o dever ser.

Posteriormente, este processo sofreu modificação, na medida em que a comunidade primitiva se transformou numa sociedade dividida em classes, pois a nova composição social exigia conhecimentos diferenciados para trabalhos diferenciados. Esta divisão terminou por limitar o acesso ao saber àqueles que detinham o poder econômico e monopolizavam a produção.

Assim, criou-se a dicotomia de trabalhos manuais versus trabalhos intelectuais, sobrando aos que desempenhavam estes últimos, tempo livre (ócio digno) para desenvolver ideologias de dominação das classes menos favorecidas.

As diversas classes exigiram diferenças de conhecimentos e processos de aprendizagem diferenciados, bem como conteúdos e formas distintas. O fim da sociedade primitiva também encerra o caráter homogêneo e integral da educação. Assim, crenças antes comuns a todos, como por exemplo, a continuação da vida depois da morte, passa mais tarde a ser um privilégio dos nobres. E a educação, antes voltada para o bem comum, passa a ser um dogma, até hoje reforçado com a finalidade de manter a classe dominante. “Para estas, a riqueza e o saber; para as outras, o trabalho e a ignorância” (Ponce, 2010).

Nesse percurso histórico, é importante salientar que no momento em que surgem a propriedade privada e a sociedade de classes, a organização social passa por profundas transformações. Aparecem também “uma religião com deuses, a educação secreta, a autoridade paterna, a submissão da mulher e dos filhos, e a separação entre trabalhadores e os sábios” (idem, p. 32). Essas novas representações foram defendidas, legitimadas e reforçadas através da criação do Estado, o qual tinha no chefe supremo a representação da classe exploradora. E, por todo um processo ideológico-religioso, foi alimentada a “submissão supersticiosa da plebe”.

Após longo processo evolutivo, a sociedade deparou-se com uma educação imposta pelas classes proprietárias com três finalidades: “1º destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga; 2º consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante; e 3º prevenir uma possível rebelião das classes dominadas” (idem, p. 36). Esse processo caminhou intrincado com o desenvolvimento da atividade mercantil, que já se acumulava nas novas cidades originadas dos grandes mercados de troca, nascendo, daí, o burguês. Essa transformação revela, também, o deslocamento do eixo do processo produtivo do campo para a cidade e da agricultura para a indústria.

O afastamento do homem do campo modifica toda a estrutura de formação até então desenvolvida. As relações naturais, constituídas segundo laços sanguíneos, passam a ser relações sociais, o que era comunidade passa a ser sociedade, surgindo a estratificação das classes.

Outro aspecto a ser considerado em tal separação, diz respeito ao sentido lato da educação. No campo, havia a aprendizagem por vivência, convivência, troca de experiências para a vida e a observação das atividades dos mais

velhos; na cidade, essa aprendizagem ocorria na escola, numa preparação exclusivamente voltada para a atividade laboral.

É por necessidade da burguesia também que se transforma a escola, seus conteúdos e suas formas de ensinar. Pela exigência de maiores lucros e controle da economia, introduz-se na educação do jovem *gentleman* a geografia, a aritmética e a história do direito. Nessa evolução, o Emílio de Rousseau tornou-se o ideal de homem da sociedade da época. E a escola seguiu neste encaixe – escolas grandes (populares) e pequenas (ricos e classe média).

Em resumo, para ser universal. A educação pública deve ser tal que todas as classes, todas as ordens do Estado dela participem, mas não em que todas as classes tenham a mesma parte (Ponce, p. 140).

Posteriormente será defendida a não interferência do Estado – o que não se concretiza - bem como, a gratuidade do ensino básico e superior, ainda que as crianças não pudessem frequentar a escola por trabalharem.

A passagem do tempo não alterou muito a lógica de condução da educação como aparelho ideológico do Estado. A atualidade se confronta com uma educação teórico-filosófico-crítica fragmentada, mediada por uma pedagogia de resultados e mercantilizada na sua natureza, visto que “o indivíduo não mais está referido à sociedade, mas ao mercado. A educação não mais é direito social e subjetivo, mas um serviço mercantil” (Frigotto, 2010).

Todo esse universo de construção ideológica da educação teve o homem, através da formulação das teorias, como mentor e a mulher como atriz principal, visto que ela teve sua atuação de vida e profissional atrelada ao cuidado e ao zelo da prole, desde as teorias do “belo sexo” até a sua “santificação”. É somente na modernidade que se começa a discutir a não “biologização” feminina da educação.

6 Considerações finais

Com a necessidade de construir cidadãos melhores, muitos teóricos da educação nomearam as mulheres a assumirem seus espaços maternos na sociedade. Alguns manuais de educação, como o próprio Emílio e Cartas sobre Educação Infantil, vieram para ensinar às mulheres como cuidar e educar suas crianças.

As obras aqui citadas abordaram a educação nos séculos XVII e XVIII, sendo direcionadas principalmente aos homens, mas consideraram, de alguma forma, a educação das mulheres, já que elas influenciavam diretamente os homens e sua educação. As mães deveriam ser as primeiras educadoras de seus filhos e, para que pudessem exercer essa tarefa da melhor maneira possível, elas precisavam ser instruídas.

Nesse modelo, a mulher sempre ocupou um lugar fundamental, através do papel da maternidade o qual se constitui como a sua identidade principal, impulsionada, num primeiro momento, por interesses políticos e sociais, que se fizeram presentes ao longo dos séculos.

A mulher é colocada como um elemento agregador imprescindível, sem o qual a unidade familiar não sobrevive (Favaro, 2007). O homem, por sua vez, neste contexto, sempre encontrou dificuldade em conciliar a sua individualidade de macho com as suas funções paternas. Manteve-se protegido no silêncio comprometedor de toda a possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos (Gomes & Resende, 2004).

Como foi possível compreender, a maternidade se configurou, ao longo da história, como a única função valorizada socialmente para a mulher, onde o cuidar e o educar estavam associados às suas funções. Assim, ser mãe seria pertencer a uma classe especial, ter uma posição de aparente prestígio dentro da sociedade.

A realização deste trabalho, através de uma abordagem teórica de pesquisa, proporcionou uma maior compreensão das obras de Pestalozzi e Rousseau, procurou lançar um olhar reflexivo sobre os apontamentos e questionamentos prescritos pelos autores, identificando a presença do projeto de formação integral, iniciado com a família, especialmente a figura materna, passando pelos ensinamentos cristãos, e preparando o indivíduo para o momento em que se juntará aos outros homens, fazendo escolhas que influenciarão diretamente na sua maneira de viver e participar da sociedade.

Porém, apesar deste movimento, de apontar a maternidade como um evento inerente à condição feminina, para Elisabeth Badinter (1985) o amor materno é resultado de uma construção social e cultural, nada tendo a ver com instinto, fator sanguíneo ou um determinismo da natureza. A sacralização da figura materna aparece como uma forma de reprimir o poder e a autonomia da mulher, a partir da construção de um discurso que a culpará e a ameaçará, caso não cumpra o seu dever materno, dito natural e espontâneo. Badinter afirma que uma mulher pode ser feliz sem ser mãe, e que não existe, por parte dela, uma pulsão irresistível em se ocupar do filho.

Dessa forma, poderíamos afirmar que o mecanismo de criação do mito do amor materno, natural e instintivo, poderia ser classificado como mais uma discriminação de gênero. Neste entendimento, a maternidade não seria um fenômeno inerente à condição feminina.

Com base nos textos podemos considerar que esta ideologia impera sob o comportamento das pessoas, sob a construção de suas identidades, sob as suas trajetórias de vida e sob as suas formas de organização social, entre esta, a família.

Atualmente, conforme aponta Osório (2002), os papéis de homens e mulheres já não se vinculam mais à identidade

sexual e sim à condição humana e suas circunstâncias. Ser homem e ser mulher não define mais por si só a prontidão para o exercício de papéis conjugais. Atribuir à mulher o papel de cuidar do lar e ao homem o de prover o sustento da família não só é um modelo arcaico que remonta às origens do processo civilizatório, como soa hoje em dia um estereótipo tangenciando o ridículo. (Osório, 2002)

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.
- ALVES, Ivá. SCHEFLER, Maria de Lourdes. AQUINO, Sílvia. VASQUEZ, Petilda Serva(Orgs). *Travessias de Gênero na perspectiva feminista*. In MACEDO, Márcia dos S. **Geração e mulheres chefes de família, algumas notas de pesquisa**. – Salvador: EDUFBA/NEIM, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. In: **A dominação masculina revisitada**. LINS, Daniel(org). Campinas/SP: Papius, 1988.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2012.
- FAVARO, C. **Mulher e Família: Um Binômio (quase) Inseparável**. In: Strey, M.N.; Neto, J.A.S. & Horta, R.L. (org), *Família e Gênero*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI**. Conferência de abertura da 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação (ANPEd). Caxambu-MG, 17 de outubro de 2010.
- GOMES, A.J.S. & Resende, V.R. **O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). Parte dois - A era de ouro: Revolução Social**. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Mara Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- OSÓRIO, L. C. **Casais e Famílias – uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PESTALOZZI, Johan Heinrich. **Cartas sobre educación infantil**. Estudio preliminary y traducción de José Maria Quintana Cabanas. Madrid: Editorial Tecnos, 2006.
- PONCE, Aníbal. **Educación e luta de classes**. Tradução de Severo de Camargo Pereira. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Especialista em Auditoria Contábil pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Tiradentes (UNIT/SE). Professora e Coordenadora do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (Fanese). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UNIT/CNPq). E-mail: lucianamatos@fanese.edu.br

Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui graduação em Ciências Contábeis e Especialização em Auditoria Contábil. Professora Assistente II da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo de pesquisa em Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero UFS/CNPq. E-mail: marianadorea@ig.com.br

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Tiradentes, Contadora, Professora e Coordenadora do curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas de Sergipe. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades São Luiz de Franca. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professores GPGFOP/UNIT/CNPq. E-mail: gilvania.consultoria@gmail.com

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Chartort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: